

---

# De corpo presente: a experiência de caminhar pela história da cidade

---

Paula Janovitch

---

Nos últimos anos, explorar a vida e a história das ruas de São Paulo tornou-se uma atividade cultural muito importante. Novas propostas de percursos, derivas e experiências no espaço público têm surgido de todos os lados, fazendo parte dessa “nova vida cultural urbana”.

A produção acadêmica também se aventurou no espaço público para experimentar a cidade, não apenas como objeto de pesquisa, mas como espaço de diálogo, ativação de memórias, experimentação com novos recursos pedagógicos, compartilhamento de pesquisas e percursos históricos e a pé pela cidade.

Desde 2016, a ideia de experimentar a cidade e construir itinerários que tragam reflexões e problematizações da produção acadêmica sobre o espaço urbano faz parte dos meus interesses de pesquisa. É uma pesquisa com um recorte bastante singular e desafiador. Costumo chamá-la de “pesquisa em andamento” ou “histórias andari-lhas”, pois faço parte dos pesquisadores que se lançaram nas ruas e tentam manter uma via de mão dupla entre a experiência no território e a produção acadêmica.

Nessa perspectiva, pretendo apresentar aqui alguns reflexões e aprendizados com um percurso histórico e a pé que venho oferecendo desde de 2017 nas Jornadas do Patrimônio Histórico de São Paulo, em eventos vinculados a Casa do Povo, Arquivo Municipal de São Paulo, CPF Sesc, exposições e com grupos de estudantes universitários.

O conteúdo deste roteiro, que segue anunciado ao longo dos anos com o título de “Prostituição e confinamento na cidade de São Paulo: um percurso pela antiga zona do meretrício do Bom Retiro”, busca reconstruir no bairro do Bom Retiro a história do confinamento da prostituição que ocorreu entre 1940 e 1953 em duas estreitas ruas circunvizinhas ao paredão de pedra da linha do trem e a Rua José Paulino: as ruas Aimorés e Itaboca, atual Professor Cesare Lombroso. Toda essa história aconteceu no período do Estado Novo, momento em que São Paulo foi governada pelo interventor federal Dr. Adhemar de Barros. Justificava-se à época que o confinamento era necessário porque havia se espalhado pela área central perturbando a vida das famílias e do comércio fino. Era necessário “limpar” o centro. A escolha do Bom Retiro se deu em parte por ser um bairro próximo ao centro, região acessível ao público masculino que continuaria a frequentar os bordéis e casas de tolerância que se deslocariam para aquelas ruas. O confinamento das prostitutas num lugar determinado da cidade também significou que, pela primeira vez, o Estado regulamentou um espaço de controle, vigilância sanitária e policial sobre a vida e o corpo dessas mulheres.

---

'Tudo ali é comércio e confecção de roupas femininas. Uma única casa na esquina da Rua Professor Cesare Lombroso com Rua Silva Pinto ainda lembra as antigas casas operárias das fotografias registradas dos anos de 1950

A primeira vez que fui conhecer as ruas da antiga “Zona”, onde o baixo meretrício permaneceu por treze anos, não consegui imaginar como contaríamos essa história que aparentemente não tinha quase registro material algum naquelas ruas. A questão que surgiu então foi como construir um roteiro que mostrasse o que estava ausente do espaço urbano.

1. Que zona era essa?

As ruas da antiga “Zona” – Aimorés, Professor Cesare Lombroso, Carmo Cintra e Ribeiro de Lima – são hoje ruas de confecção atacadista. Um mundo de lojas enfileiradas lado a lado nas estreitas ruas paralelas à Rua José Paulino. Tudo ali é comércio e confecção de roupas femininas. Uma única casa na esquina da Rua Professor Cesare Lombroso com Rua Silva Pinto ainda lembra as antigas casas operárias das fotografias registradas dos anos de 1950 pela assistente social Elvira Furlan. Estas imagens do trabalho de conclusão de curso (TCC) de Serviço Social de Furlan (1955) são um dos raros documentos que temos da Zona do baixo meretrício do Bom Retiro.

A possibilidade de usarmos esses registros de Furlan, assim como outros materiais em formato A4 e plastifica-

dos no percurso a pé tal qual os guias de turismo fazem para mostrar imagens de outros tempos da cidade, já era uma prática do Pisa cidade + pesquisa,<sup>1</sup> coletivo que integro. Em paradas estratégicas que costumamos fazer ao longo dos percursos, compartilhamos os mais variados conteúdos, a fim de dar voz a histórias que “perderam seu lugar de fala”.

As paradas ao longo do percurso são formas de mediarmos este diálogo entre passado e presente, recolocando no espaço urbano histórias que foram silenciadas. Basta sobrepor nas ruas registros antigos do lugar ao que existe hoje, e essas imagens realmente ajudam na interpretação e visualização daquilo que se faz ausente na paisagem urbana atual.

Várias das imagens do tcc de Elvira Furlan conduzem o roteiro e marcam a maioria dos dez pontos de paradas que elegemos no percurso da antiga “Zona”. Estas dez paradas ao longo do percurso são fundamentais na estrutura e fluxo do trajeto a fim de podermos dar visibilidade e contar essa história no espaço, espalhando estrategicamente os pontos de parada por todas as ruas do extinto confinamento.<sup>2</sup>

A primeira parada é onde reunimos o grupo. Normalmente começo no Sesc Bom Retiro, na Alameda. Nothmann, porque é nesse ponto que consigo explicar o deslocamento da prostituição da área central até o momento do confinamento no Bom Retiro. Abro um mapa do século XIX, o coloco no chão, bem no meio do grupo, e vou contando este deslocamento riscando o mapa. Depois deste breve histórico, saímos do Sesc pela AL. Nothmann e atravessamos o pontilhão do trem que faz uma fronteira física entre o Campos Elíseos e o Bom Retiro. Após a travessia, ocorre a segunda parada, na Rua Silva Pinto, esquina com a Rua Aimorés. Este é o momento em que começamos a entrar de fato nas ruas do confinamento, na antiga “Zona”. Nesse segundo ponto de parada, começo a usar os registros de Elvira Furlan como guia do que foi o confinamento nos anos de 1940, as mulheres que moraram e/ou trabalharam naquelas ruas e alguns registros de memórias de moradores do Bom Retiro que deixaram suas lembranças sobre estas ruas quando crianças. Avançamos pela Rua Aimorés até a terceira parada no antigo Salão Azul, localizado por meio de “Um conto da Boca do Lixo”, do escritor João Antonio (2012), onde um dos participantes sempre é convidado a lê-lo em voz alta para o grupo.

A quarta parada é bem na esquina da Rua Aimorés com a Rua Carmo Cintra. A escolha do lugar se deu pela identificação das fotografias de Chico Vizzoni de sua fotorreportagem “Batida Policial”, bem na esquina da Aimorés com a Carmo Cintra. Nesta parada também permanecemos com fragmentos do conto de João Antonio (2012), que captura a vida na “Zona” bem no horário em que as mulheres começavam a acordar. A quinta parada ocorre na calçada em frente ao Posto Estadual Antivenéreo da Carmo Cintra, que também faz parte dos registros fotográficos de Elvira Furlan. Nesta parada, além de Furlan, usamos o material de uma campanha da Secretária Estadual de Saúde Pública sobre a sífilis dos anos 1950.

Depois de conhecermos o Posto Antivenéreo na Carmo Cintra e compartilharmos muitas questões sobre a sífilis e suas metáforas, retomamos a caminhada pela Aimorés até a sexta parada, no número 123, onde, mais uma vez, usamos um registro de Elvira Furlan, um alvará de licença de funcionamento de uma pensão noturna que se localizava exatamente ali. Neste ponto exploramos outras imagens de Furlan do interior da casa, assim como parte da obra “Rua Aimorés”, do memorialista Nuto Santanna (1958), que destaca a diversidade da população da “Zona” com um certo viés moralista, próprio da época, sobre a prostituição. A sétima parada ocorre bem em frente à galeria comercial que liga a Rua Aimorés à Rua José Paulino. Neste ponto, uso memórias de antigos comerciantes da José Paulino para falar sobre a convivência dos lojistas de origem judaica com as polacas,<sup>3</sup> que eram clientes das lojas e farmácias do bairro. Aqui também exploramos a arquitetura das fachadas das pensões noturnas e aprofundamos o assunto com o álbum “Manguê” de Lasar Segall (1977).

A oitava parada é bem na esquina da Rua Aimorés com a Rua Ribeiro de Lima. Aqui, conforme as imagens de Elvira Furlan, havia um outro posto antivenéreo particular na “Zona”, e há registro de uma planta de casa operária de 1900 do Arquivo Histórico Municipal que nos possibilita perceber as alterações das fachadas nos anos 1940 com a presença do confinamento. Caminhamos então para a nona parada, bem abaixo da placa da Rua Professor Cesare Lombroso e em frente a uma placa de memória paulista em que se explica o motivo pelo qual a Rua Itaboca mudou de nome em 1958, passando a assumir o nome atual, do criminologista Professor Cesare Lombroso. A décima e última parada é no atual Shopping Cesare Lombroso, onde explico o fim da “Zona” em 1953, a pressão de alguns leitores para que fosse extinta e o conflito que ocorreu



Imagem superior:  
casa do início do  
século 20. Rua Prof.  
Cesare Lombroso.  
Foto de Paula  
Janovitch.

Imagem inferior:  
material do percurso,  
Rua Aimorés. Fonte:  
Elvira Furlan, 1955.

As pessoas passaram a prestar mais atenção às fotos plastificadas quando distribuídas para que pudessem olhá-las mais de perto. Elas tomam as fotografias nas mãos, chegam a alinhá-las com as fachadas das lojas e tiram fotos das fotos, ou mesmo selfies, mostrando detalhes que destacam o que falamos.

entre as prostitutas e os comerciantes da Rua José Paulino naquele momento. Nesta última parada, também faço uma aproximação entre o passado daquelas ruas do antigo confinamento com as segregações atuais presentes no território: como essas estratégias de exclusão e moralização permanecem ativas nessa região e participam da lógica da especulação imobiliária da cidade.

## 2. A "Zona" para além das imagens

O roteiro e pontos de paradas fixos e distribuídos ao longo das ruas proporcionaram o início deste percurso pelo território que já dura nove anos. Porém, ao longo desses anos, à medida que repetidamente mostrava as imagens de Furlan (1955) durante os percursos, fui percebendo que esses registros eram muito mais do que mero material ilustrativo do que estava ausente das ruas.

Começaram a surgir questões muito próximas às que fazemos com o material utilizado na pesquisa acadêmica, como por exemplo: Quem foi Elvira Furlan? Em que contexto as fotografias foram feitas? Como a autora dialogou com essas imagens no seu tcc? Qual seria seu objetivo ao fotografar casas, ruas e pessoas que trabalhavam ali? E outras tantas questões que seguem nas legendas, detalhes das fotos e no corpo do texto do tcc da assistente social.

Se questões fazem as pesquisas avançarem, por que não encontrar uma forma de caminhar com elas pelas

ruas da "Zona"? Comecei a imaginar como seria levar estas indagações sobre as imagens do tcc de Furlan para a rua. Como compartilhar destas perguntas tão comuns nos caminhos da pesquisa num percurso pelo espaço público.

Diferentemente da pesquisa acadêmica, que tem um lugar próprio para estas questões ao ativar caminhos no corpo do texto, em um roteiro pelo território esse lugar tem que ser espacial e em pé. É na rua, nas dez paradas de conversas e compartilhamento de conteúdo que a circulação de registros entre os participantes ocorre e transforma o roteiro.

Elvira Furlan passou a ser parte do percurso, não apenas como fonte das fotografias utilizadas, mas com voz própria. A partir dessa nova perspectiva, a forma de expor os registros do seu tcc mudou bastante. Passei a compartilhar questões que iam além das imagens, como por exemplo: a maneira que uma mulher de classe média, assistente social nos anos 1950, percebia uma área de confinamento em que mulheres, como ela, se prostituíam.

Comecei a chamar atenção para as legendas das imagens durante o percurso, como Furlan percebia o que fotografava. As escolhas que fazia ao registrar determinados detalhes das portas das casas, como uma planta de guiné, planta com inúmeras propriedades curativas, mas também de benefícios místicos, "um campo de força". Será que ela estranhava o fato daquelas mulheres terem estratégias próprias de proteção e fé? Será que lhe causava surpresa o fato de terem algum sinal de espiritualidade, como ela mesma poderia ter?

Os comentários e indagações da assistente social, adicionados às observações e questões sobre as imagens antigas sobrepostas nas ruas atuais da "Zona", tiveram efeito imediato. As pessoas passaram a prestar mais atenção às fotos plastificadas quando distribuídas para que pudessem olhá-las mais de perto. Elas tomam as fotografias nas mãos, chegam a alinhá-las com as fachadas das lojas e tiram fotos das fotos, ou mesmo *selfies*, mostrando detalhes que destacam o que falamos.

As novas ativações das imagens plastificadas de Furlan nas ruas parecem criar uma experiência muito semelhante à dos historiadores ao mapearem o passado, não apenas mostrando a ausência do antigo sobreposto ao atual, mas questionando-o por meio do que podemos alcançar, dos fragmentos e atravessamentos do presente: o que de fato vai além das imagens.

O mesmo ocorreu, tempos depois, quando encontrei outras imagens da "Zona" na exposição "SóLove" (2019)



Foto do material do percurso. Exposição Invisíveis, 2019. Foto de Wo Shin-Ting



Divulgação do percurso Jornada do Patrimônio Histórico, 2024. Foto de Maria Clara dos Santos.

com curadoria de Henrique Siqueira e Monica Caldiron na Casa da Imagem. Uma série de registros fotográficos de Chico Vizzoni para uma fotorreportagem de "Uma batida policial" nessas ruas do confinamento nos anos 1950.

As fotografias são lindas, tiradas de vários ângulos das ruas e de áreas internas das casas: das mulheres em várias atividades; durante o dia varrendo a calçada; posando por trás das venezianas das fachadas das casas; acenando de uma janela aberta de uma suposta pensão noturna; com pernas cruzadas e vestido erguido até a altura do quadril dentro de um quarto. Outras mostram a presença masculina: um homem, num clima *voyeur*, abrindo uma destes portas venezianas da fachada das casas, enquanto um outro abre uma outra porta interna da casa. E, finalmente, o registro de um grupo de homens enfileirados e sorrindo ao entrarem num camburão, bem na esquina da Aimorés com a Carmo Cintra, onde ocorre a quarta parada do percurso.

À primeira vista, estes registros fotográficos de Chico Vizzoni causam perplexidade ao serem compartilhados. São imagens profissionais e sedutoras em grandes dimensões. Porém, ao compartilhar essa série repetidas vezes, elas também deixaram de ser apenas registros de como era a "Zona" e foram minuciosamente "sabatnadas".

Desta vez, as questões sobre as imagens de Vizzoni não foram propostas por mim. Vieram de observações de uma participante, que ao observar a série de perto, questionou a expressão alegre das pessoas e a perfeição dos registros: "Vocês não acham estranho estes homens presos sorrindo?" "E as mulheres nas venezianas, isso não parece en-

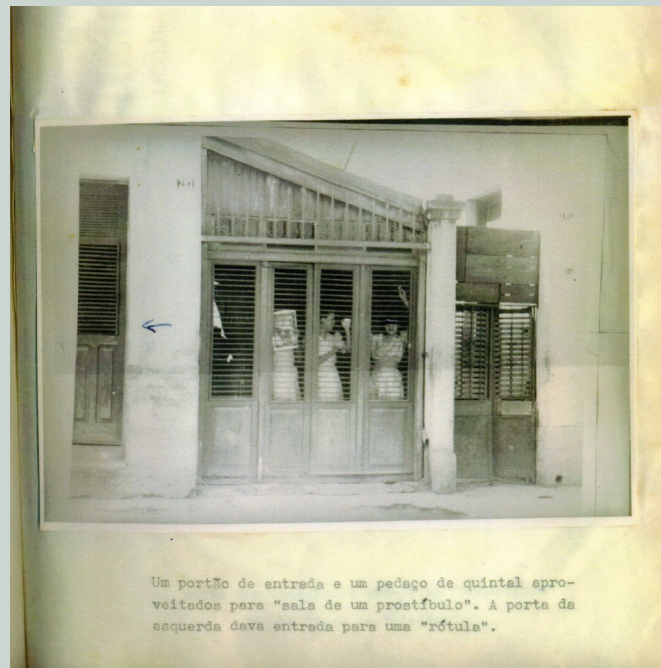
cenado? "Não acham que as imagens de Elvira Furlan são mais verdadeiras do que esta série de Chico Vizzoni?"

Ao revisar as datas dessas imagens no Acervo Fotográfico do Museu da Cidade de São Paulo, verifiquei que elas de fato eram posteriores ao fechamento da "Zona". No entanto, conforme informado pelos técnicos, as datas dessa série não são precisas.<sup>4</sup> As incertezas quanto às datas e às questões levantadas na rua passaram a ser incluídas na exposição dessas imagens durante os percursos que se seguiram. Não eram mais só fotografias sobre a "Zona", mas uma possível "Batida Policial" encaçada em uma "Zona" talvez já extinta.

## 3. As venezianas da "Zona": a identidade do percurso

Na última Jornada do Patrimônio Histórico de 2024 contatei a arquiteta Maria Clara dos Santos Lima para fazer *flyers* e uma animação para a chamada do percurso pela "Zona". A principal pergunta que ela me fez foi se eu teria algo que simbolizasse a prostituição naquelas ruas para que ela pudesse criar uma marca, uma identidade do percurso. Enviei as imagens de Elvira Furlan das mulheres atrás das venezianas.

As imagens das venezianas são discutidas em várias paradas do percurso. Mas a forma de abordá-las foi se tornando cada vez mais profunda à medida que sua circulação foi se dando entre a pesquisa e o seu compartilhamento nas ruas com os participantes.



Material do percurso: rótula.  
Fonte: Elvira Furlan, 1955.



Manequins nas vitrines das ruas.  
Percurso CPF Sesc - Lubricidades, 2019.  
Foto de Paula Janovitch.

A quinta parada, realizada na Rua Carmo Cintra, bem em frente ao extinto Posto Estadual Antivenéreo, é a oportunidade de discutirmos a questão da sífilis, das doenças venéreas em geral e o controle dos corpos das mulheres. Até que ponto aquele posto de saúde foi um lugar de tratamento e acolhimento para as trabalhadoras do sexo, ou o que se fazia ali era de fato experimento e controle dos corpos dessas mulheres? Por que só as mulheres eram inspecionadas naquele posto? E o corpo dos homens? Também é frequente que, nesta parada, passado e presente confluem, e surjam associações e questões sobre o HIV e os mais diversos grupos estigmatizados.

Além da fotografia do extinto Posto Antivenéreo do Estado da Rua Carmo Cintra, mostro nessa parada um outro registro, das mulheres atrás das venezianas, na qual existe uma flecha feita à caneta por Furlan com a seguinte legenda: "Uma porta de entrada e um pedaço de quintal aproveitados para 'sala de um prostíbulo'. A porta da esquerda dava entrada para uma 'rótula'".

A princípio me pareceu que a indicação de "rótula" fosse apenas sinônimo de veneziana, como eram chamadas as janelas onde primariamente ficavam as Yayás da pacata Paulicéia em 1820, como lembra Edmundo Amaral (1932, p.66): "Não houve, há setenta anos, olhar de ya-ya paulista que sem não enlanguescesse atrás do seu xadrez ouvindo a ternura de uma serenata de clarinete". E como destaca Garcez (2001, p.95): "através da rótula o pudor e o recato desfaziam-se nas extremadas permanências à janela".

Pelas rótulas, os enamorados também criavam discursos códigos cifrados:

Uma criada fazia o sinal, entreabria-se uma porta-da de janela, desenhava-se um perfil por detrás das cortinas de madeira das gelosias. Nesse momento o

galente cumprimentava, depois de ter beijado religiosamente a aba do chapéu, desembainhava a espada e dava-lhe diferentes posições clássicas: a meia altura da coxa significava "ternura"; o lenço, desdobrado sobre o guarda-mão, "voltarei amanhã"; erguido até os lábios, como "sois bela!" Para responder a dulcineia dispunha também de um amplo vocabulário. (Garcez, 2001, p.95)

Em 1874, as rótulas foram sendo retiradas das janelas paulistas, segundo Amaral (1934). Porém, seu uso não desapareceu totalmente, migrou para as janelas e portas dos bordéis, casas de tolerância ou pensões noturnas. A partir do final do século XIX, quem ficou atrás das rótulas não foram mais as iaiás enamoradas, mas as meretrizes.

Ao entrevistar Celia Rubenstein, uma assistente social que trabalhou com prostituição nos anos 1960, perguntei se ela sabia o significado de "rótula" na imagem de Furlan. Ela explicou que "rótula" era o lugar onde ficavam as mulheres doentes. As gerentes das pensões noturnas da "Zona" provavelmente encaminhavam os fregueses bêbados para as mulheres que ficavam na "rótula". A doença também deixava seus sinônimos na arquitetura das emblemáticas fachadas da "Zona" nos anos 1950.

Ainda na Rua Carmo Cintra, um participante sempre é convidado a ler um trecho de memória de Berel Aizenstein (2001):<sup>5</sup> O pai de Berel era dono de uma farmácia nessa rua, bem ao lado do Posto Antivenéreo. Quando criança, Berel lembra que todas as casas tinham suas portas da frente substituídas por persianas, permitindo ver o interior das residências. Já no "Um conto da Boca do Lixo" do escritor João Antônio (2012), é possível sabermos que essas venezianas eram verdes. E nas imagens de Chico Vizzoni percebe-se marcas da substituição das fachadas das antigas casas operárias.

Com estas observações, vamos entendendo melhor a profundidade das venezianas na estrutura arquitetônica das fachadas das casas ao caminharmos pelas ruas com essas treliças repletas de histórias.

Antes da pandemia, muitas lojas de confecção dessas ruas estavam abertas aos sábados. Buscava, então, chamar atenção dos grupos para as vitrines com manequins expostas a fim de buscar diálogos que aproximassem o presente do passado, das mulheres atrás das venezianas.

Na oitava parada, quase no final da Rua Aimorés, as venezianas são apresentadas a partir da arte. Mostro várias pinturas do álbum do pintor Lasar Segall, "Mangue" (1977). O Mangue foi uma outra zona de prostituição no Rio de Janeiro, que passou ao longo do século XX por nascimentos e renascimentos, como afirma Virgílio Costa (1999).

Em muitas das gravuras de Segall, as mulheres surgem com seus seios e rostos transpassados nas tabuinhas das venezianas. Em outras, o pintor desenha de um ângulo interno das casas e pinta as mulheres nuas de costas e de frente olhando por entre as persianas. Há ainda as que ficam sentadas nas janelas ou em pé com as tabuinhas em desalinho e seios à mostra. A maioria das mulheres do "Mangue" de Segall têm semblantes tristes e estão envoltas em tons que vão do rosa ao vinho.

Lasar Segall, ao pintar a zona carioca em 1929, celebrada por poetas, músicos e artistas, acaba por trazer ao percurso pela zona paulista dos anos 1940 a relevância da arte para as mulheres por trás das venezianas.

Essa diversidade de referências sobre as venezianas, que teria um lugar próprio na produção acadêmica, se feita de forma literal na rua, poderia ser bastante maçante. Entretanto, ao ser montada e distribuída no espaço e vista de diversos ângulos em abordagens compartilhadas com os participantes, torna-se parte do corpo da própria "Zona". A sensação que tenho cada vez que finalizo um percurso e olho as imagens que alguns participantes compartilham comigo é que existe um texto sendo escrito na rua de forma coletiva e espacial.

4.No lugar das outras: no início identidades inventadas, hoje narrativas em construção

A criação deste roteiro pela antiga zona do meretrício do Bom Retiro tem sua origem num convite do Sesc Santana para o já citado coletivo Pisa. Até 2017, pesquisava um grupo de imigrantes de origem judaica vinculados à prostituição apenas em seus lugares de morte, os cemitérios. Este grupo criou, através de associações juridicamente reconhecidas, cemitérios, sinagogas e sedes sociais em várias cidades da América Latina. Por sofrerem de uma

dupla estigmatização, tanto pela comunidade judaica como pela sociedade, criaram estratégias de sobrevivência e preservação de sua identidade tanto na vida como na morte. O que restou de registros materiais de suas associações foram alguns dos seus cemitérios, que se encontram tombados no litoral paulista, em Cubatão, e no Rio de Janeiro, no bairro de Inhaúma.

Em São Paulo, o cemitério israelita desses imigrantes ficava onde hoje é o velório do cemitério municipal "Chora Menino", no bairro de Santana, mas foi desapropriado nos anos 1970. Após o processo de desapropriação, os restos mortais do grupo foram trasladados para o cemitério israelita do Butantã. Por cerca de trinta anos, aproximadamente 200 sepulturas ficaram sem nomes ou datas, apesar de a prefeitura entregar à época uma lista com nomes correspondentes aos números dos exumados do seu pretérito cemitério. Esta lista desapareceu de maneira proposital, impedindo a identificação das sepulturas. Assim, esse grupo permaneceu excluído pelo *establishment* judaico, mesmo que integrado ao cemitério da comunidade.

Foi no ano 2000, através de uma discreta iniciativa de reparação histórica promovida pela própria instituição mantenedora dos cemitérios judaicos de São Paulo, Chevra Kadisha, por me da historiadora Beatriz Kushnir (1996), que fui contatada a fim de ajudar na busca por uma outra lista, a fim de identificar as sepulturas do cemitério do Butantã.

À época, trabalhava no Departamento de Patrimônio Histórico de São Paulo (DPH-SP) e coordenava o inventário dos cemitérios públicos da cidade. Não foi muito complicado achar entre os atos, decretos e leis o processo que deu origem à desapropriação do cemitério original do grupo no bairro de Santana. Neste processo havia uma segunda lista de nomes com as respectivas datas e números de cada uma das sepulturas trasladadas. Com esta nova lista, no ano 2000, se fez uma celebração no cemitério israelita do Butantã, em que o rabino Henry Sobel inaugurou a colocação dos nomes nas lápides com rituais próprios de um sepultamento judaico.

O roteiro para o evento "Degeneradas" do Sesc Santana, em 2017, teve como proposta criar um percurso



Mulher Normal e a Mulher Delinquente, " O gênio e a loucura" [...] *A mudança do nome da Rua Itaboca, em vista dos antecedentes da rua, se faz necessário, razão pela qual propomos a medida presente.*" Projeto de lei n.5.497/1958 (SÃO PAULO, 1958, grifos nossos)

Quando pergunto a antigos moradores do Bom Retiro sobre as lembranças da "Zona", dificilmente alguém identifica de pronto a existência da rua Cesare Lombroso. A maioria me pergunta se estou falando da antiga rua Itaboca.

"As tristes memórias" da rua Itaboca que em 1958 passou por um projeto de "limpeza moral" ao ser renomeada de Professor Cesare Lombroso, também é foco de debates calorosos nos percursos e nas discussões dos coletivos e instituições culturais atuantes no bairro do Bom Retiro.

Por conta desses debates sobre o nome atual da rua vinculado às práticas eugenistas, estigmas de raça e gênero associados ao criminologista Cesare Lombroso, em um dos percursos que fiz, um grupo ligado a Casa do Povo, criou uma campanha nas ruas do Bom Retiro a fim de questionar e explicar quem foi Cesare Lombroso e onde era a antiga rua Itaboca.

As perguntas e textos informativos viraram lambes em português, castelhano, ídiche e coreano com notas explicativas sobre Cesare Lombroso e a história da extinta "Zona" na rua Itaboca.

O fundo dos dois lambes foi tirado de uma ilustração do livro de Lombroso (1923), *La donna delinquente*<sup>7</sup> com um filtro cor de rosa inspirada nas várias pinturas do "Mangue" de Segall (1977). Nesta ilustração, Lombroso expôs vários rostos de mulheres russas, possivelmente "polacas", como fenótipos relacionados à "mulher delinquente".

Os lambes feitos no parquinho gráfico da Casa do Povo foram fixados nas ruas da antiga "Zona" e em vários muros do Bom Retiro. No percurso que faço os cartazes se transformaram em pequenos cartões postais distribuídos como lembrança ao final do roteiro. O kit "Que zona é essa?" contém quatro postais: duas miniaturas dos lambes e duas imagens da rua Itaboca e Aimorés do tcc de Elvira Furlan.

O muro de pedra da Rua Professor Cesare Lombroso, bem na frente da indicação da rua Cesare Lombroso, também ganhou uma nova placa no período da pandemia, quando não havia pernas para ocupar as ruas. Na placa azul de memória paulistana do Departamento de

Esse mapa dos deslocamentos dos estrangeiros tem documentos de identidades como guias, e retornam às ruas alterados quando coloco adesivos coloridos que funcionam como legendas indicativas de novos achados em suas trajetórias de vida.

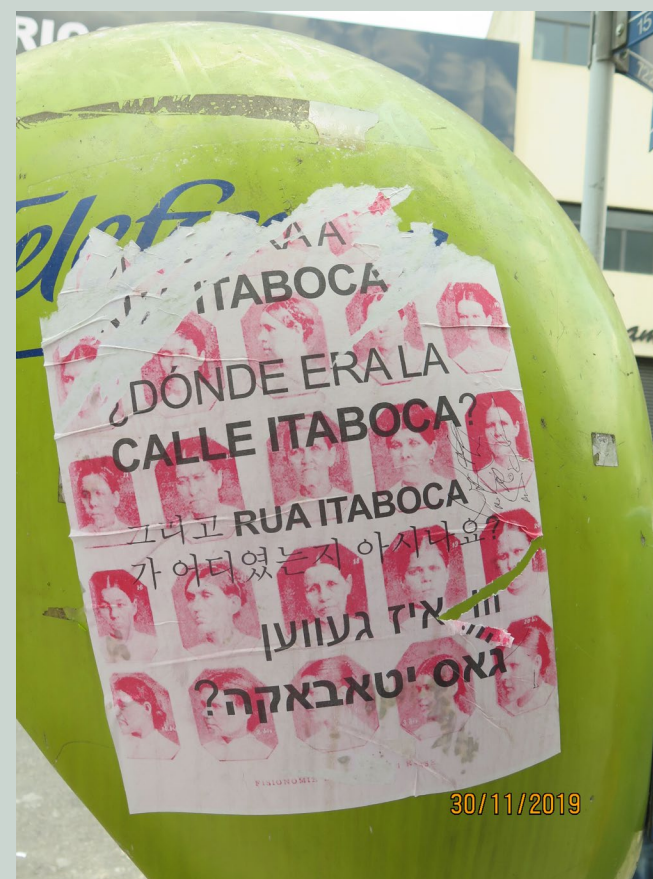
Patrimônio Histórico de São Paulo se lê o que o nome da Rua Professor Cesare Lombroso quis apagar em 1958: "Antiga zona do meretrício, de 1940 a 1953. A prostituição foi oficialmente confinada aqui, quando mais de 1000 mulheres trabalharam nas ruas ao longo deste muro. O nome da antiga rua Itaboca foi alterado para ocultar esse fato em 1958".

#### 6. Considerações finais

Hoje, a nona parada do percurso, onde as duas placas se encontram frente a frente, já é uma nova referência histórica no Bom Retiro. Quando os guias de turismo e outros pesquisadores percorrem o bairro narrando suas histórias, é para este ponto que se dirigem a fim de contar a história da antiga "Zona" que já se faz visível para além do próprio ativação do percurso.

A visibilidade no território também não ocorreu de forma solitária, a produção acadêmica sobre o assunto já desponta com novas pesquisas sobre a história da "Zona" e os impactos dos Roteiros de memória promovidos nas Jornadas do Patrimônio Histórico.

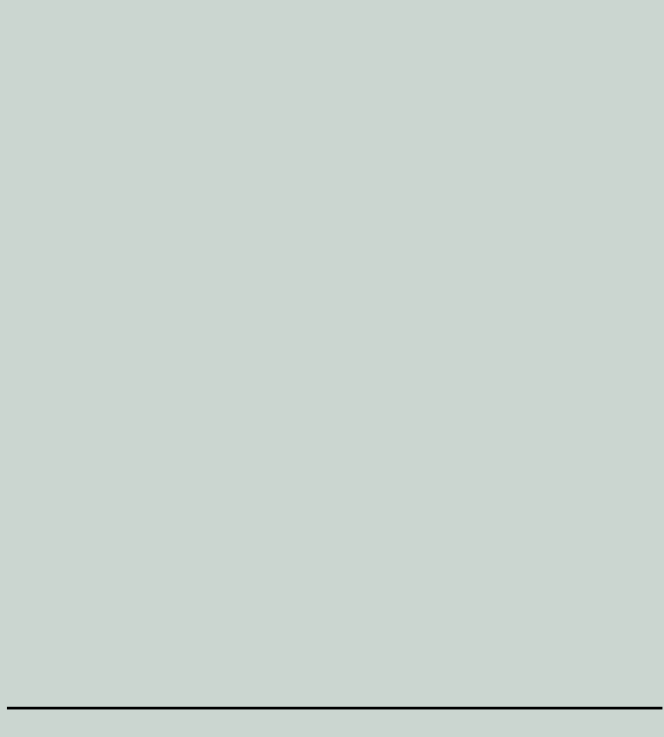
Luiza Ravanini (2024) ao analisar os roteiros de memória e a diversificação de narrativas da Jornada de Patrimônio Histórico em São Paulo como tema de sua conclusão de curso na FAU/USP, elegeu, em seu capítulo final, uma reflexão sobre o roteiro pela antiga Zona do baixo meretrício do Bom Retiro.



Com início na linha superior esquerda para direita: Lambe afixado no orelhão da rua Aimorés. Exposição Invisíveis, 2019. Foto de Wo Shin-Ting.

Placa azul de memória paulista e cartão postal do percurso pela "Zona", 2023. Foto de Paula Janovitch.

Placa Rua Cesare Lombroso com muro de pedra da linha do trem ao fundo. Percurso Eruv/Casa do Povo, 2023. Foto de Carlos Parada.



Destaco entre as inúmeras contribuições de Ravanini, a análise que fez sobre a validade da prática dos Roteiros de memória como uma atividade que afeta não apenas os caminhantes, mas a prática dos pesquisadores:

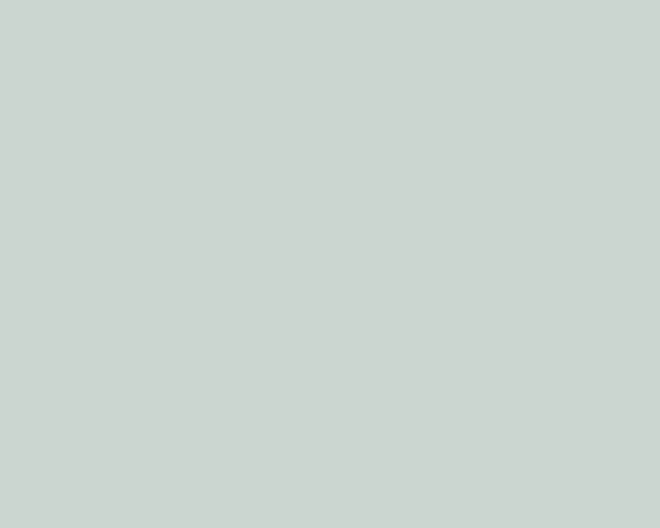
Roteiro de Memória

Dessa forma, ao mobilizar o olhar do público para uma história apagada protagonizada por um grupo de mulheres marginalizado, o aqui tratado Roteiro de Memória traz à tona um episódio que enriquece a história do Bom Retiro lançando luz nas relações históricas e espaciais que explicam o presente do bairro e de suas adjacências. O estudo desse roteiro se fez necessário para este trabalho não só como metodologia de pesquisa, que foi fundamental para a sensibilização sobre as diferentes circunstâncias que agem sobre a prática do caminhar in loco, mas também para entender como um Roteiro de Memória pode estar inserido nas dinâmicas da cidade, desafiadoras, complexas e conflituosas. Fica evidente que a prática do caminhar na cidade através da Jornada do Patrimônio histórico não consiste numa simples exposição de fatos isolados no passado, mas na troca de pontos de vistas e na análise conjunta das consequências do passado para o presente da cidade. (RAVANINI,2024, p.191)

Roteiro de Memória

Já o trabalho de conclusão de curso de Camila Gabay (2024), "Zona de dia e zona de noite: cotidianos e modos de morar na zona do meretrício do Bom Retiro (1940-1953)", inspirado no percurso pela "Zona", revelou novas reflexões e instigantes contribuições para a história dos treze anos de confinamento.

Gabay, a partir de um diálogo incansável com as mais diversas fontes, das obras partículas do Arquivo Municipal de São Paulo, alvarás de funcionamento das pensões noturnas, registros fotográficos, material de imprensa, TCC de Elvira Furlan e obras ficcionais que também fazem parte do material compartilhado no percurso pela Zona, entrou nas pensões noturnas, contrapôs as casas

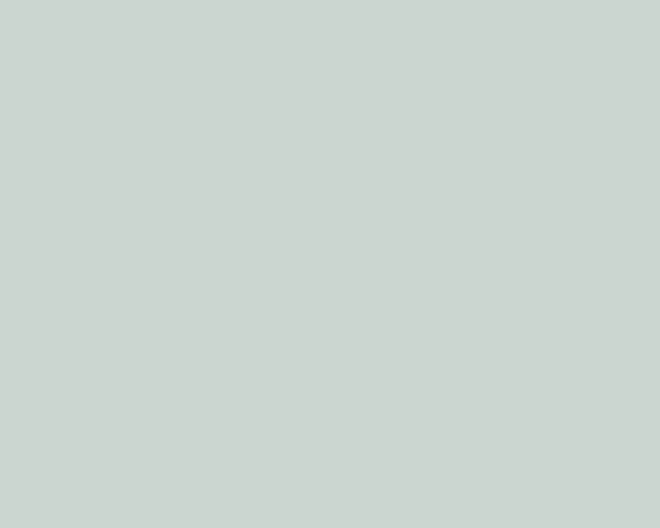


## pude me "colar" ao território, o que gerou oportunidades de experimentar práticas e estratégias que transformaram o roteiro em uma estrutura maleável e aberta à produção acadêmica e sensível aos diálogos que ocorrem nas ruas.

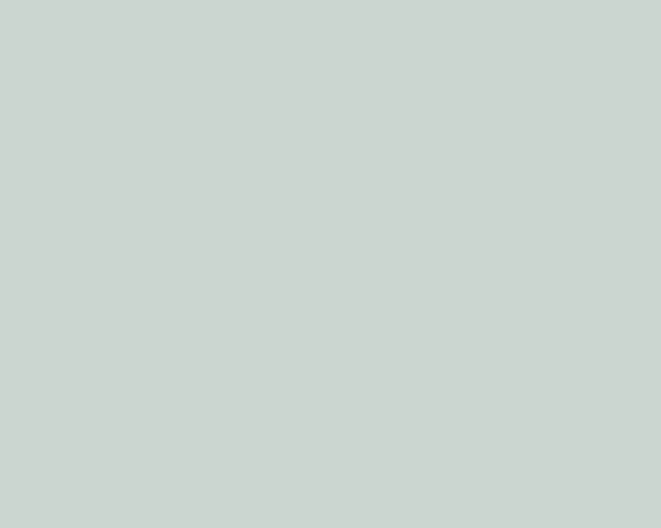
de tolerância ao modelo da casa burguesa e teceu diálogos inéditos com o território.

A partir dessas pesquisas, novas vozes são integradas no roteiro, assim como nessa proposta de pesquisa colada ao território que se alimenta de um diálogo constante entre a produção acadêmica e a cidade.

Ao longo desses nove anos, permanecer em um mesmo território trouxe um aprendizado profundo e transformador. As repetições do percurso, que a princípio poderiam sugerir um certo imobilismo, revelaram-se justamente o oposto. À medida que as repetições ocorriam, pude me "colar" ao território, o que gerou oportunidades de experimentar práticas e estratégias que transformaram o roteiro em uma estrutura maleável e aberta à produção acadêmica e sensível aos diálogos que ocorrem nas ruas. Mesmo que estas ruas da antiga zona do baixo meretrício do Bom Retiro se mantenham quase sem nenhum registro material dos tempos passados, estar de corpo presente no território se torna um ato potente, especialmente quando abordamos histórias e grupos que foram estigmatizados e apagados do espaço público.

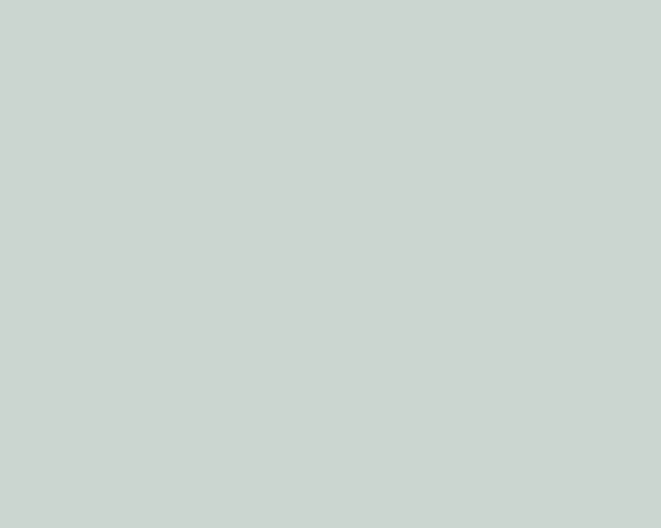


## pude me "colar" ao território, o que gerou oportunidades de experimentar práticas e estratégias que transformaram o roteiro em uma estrutura maleável e aberta à produção acadêmica e sensível aos diálogos que ocorrem nas ruas.



## pude me "colar" ao território, o que gerou oportunidades de experimentar práticas e estratégias que transformaram o roteiro em uma estrutura maleável e aberta à produção acadêmica e sensível aos diálogos que ocorrem nas ruas.

<b>AUTORA</b> <p>Paula Ester Janovitch é mestre em Antropologia pela PUC/SP e Doutora em História Social pela USP. Autora do livro Preso por Trocadilho: a imprensa de narrativa irreverente paulistana (1900-1911), ed. Alameda. Integrante do Coletivo PISA cidade + pesquisa, da REBRAPESC ( Rede Brasileira de Sítios de Memória e Consciência) e do projeto DEMONUMENTA/FAUSP. Escreve no seu blog versaopaulo.wordpress.com.</p>	<b>NOTAS</b> <ol style="list-style-type: none"><li>O Pisa (cidade + pesquisa) é um coletivo que promove jornadas de conhecimento na cidade de São Paulo. Foi criado em 2015 na FAU-USP. Surgiu de uma disciplina do professor Renato Cymbalista. Os passeios do Pisa caracterizam-se por um trabalho de pesquisa e mobilização de fontes históricas nos percursos pelo espaço urbano.</li> <li>Os dez pontos de parada não são escolhidos aleatoriamente. A proposta é que estejam sempre próximos de referências reais.</li> <li>O termo "polacas" era a maneira que as prostitutas judias do leste europeu eram chamadas, não importando se eram polonesas, russas ou ucranianas.</li> <li>No acervo da Casa da Imagem as fotografias de Chico Vizzone estão catalogadas entre os anos de 1955 e 1965.</li> <li>Selecionado do acervo de história oral do Arquivo Judaico de São Paulo.</li> <li>Na revista "Contraste" de 5 out. 2017 em um artigo coletivo do extinto SPSafari, atual Pisa, "Mobilizando a cidade como recurso pedagógico: a experiência do SP Safari", há um depoimento meu sobre esse primeiro percurso com o Sesc Santana.</li></ol>
--	---



## pude me "colar" ao território, o que gerou oportunidades de experimentar práticas e estratégias que transformaram o roteiro em uma estrutura maleável e aberta à produção acadêmica e sensível aos diálogos que ocorrem nas ruas.

<b>7.</b> Título traduzido para o português como “A mulher delinquente: a prostituta e a mulher normal”. A edição deste livro em português não contém imagens. LOMBROSO, Cesare; FERRERO, Guglielmo. <b>A mulher delinquente:</b> a prostituta e a mulher normal. Trad. Antonio Fontoura. Curitiba, 2018.	<b>7.</b> Título traduzido para o português como “A mulher delinquente: a prostituta e a mulher normal”. A edição deste livro em português não contém imagens. LOMBROSO, Cesare; FERRERO, Guglielmo. <b>A mulher delinquente:</b> a prostituta e a mulher normal. Trad. Antonio Fontoura. Curitiba, 2018.
---	---

Roteiro de Memória

Roteiro de Memória

Roteiro de Memória

Roteiro de Memória

Roteiro de Memória